

CHEFE DO ESTADO-MAIOR-GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS

ALMIRANTE ANTÓNIO SILVA RIBEIRO

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL - EUA | 21 OUTUBRO 2019 | 13:00

“Visão estratégica do relacionamento militar entre Portugal e os Estados Unidos da América”

Agradecimento

Muito boa tarde a todos. Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao Senhor Presidente da Associação de Amizade Portugal / Estado Unidos da América – o Sr. Dr. António Neto da Silva – o amável convite que me dirigiu para vir hoje, perante esta distinta audiência, falar de um tema da maior relevância para as Forças Armadas Portuguesas – o relacionamento militar entre Portugal e os Estados Unidos da América.

A todos cumprimento, fraternalmente, pela vossa presença neste almoço, fazendo votos para que tenhamos uma interação construtiva e enriquecedora, na certeza de que o período de debate nos conduzirá a esse desiderato.

Introdução

Abordar o relacionamento luso-americano no domínio militar é uma tarefa que tem tanto de aliciante, como de complexo. À primeira vista, há quem possa mesmo questionar se fará sentido, e se haverá algum interesse, em analisar o relacionamento entre duas nações com um poder militar tão distinto.

Na verdade, as diferenças entre os nossos dois países vão muito além da dimensão militar, o que reforça as dúvidas dos mais céticos, quanto à relevância do tema que me proponho abordar.

Todavia, são muito mais os elementos de interesse mútuo entre as duas nações, cujas capitais se vêem uma à outra quando se olham através do Atlântico, do que aquilo que poderíamos imaginar.

A minha experiência de 45 anos como oficial da Marinha demonstrou-me, inequivocamente, a existência de um enorme potencial de cooperação recíproca entre Portugal e os Estados Unidos da América, em diversas áreas, mas muito particularmente, no domínio militar e da defesa.

Foi, neste contexto, de possíveis visões antagónicas sobre a relevância de se discutirem as relações militares entre Portugal e os Estados Unidos, que decidi estruturar esta intervenção em torno de três tópicos principais: assim, começarei por analisar aquilo que mais distingue Portugal dos Estados Unidos; salientarei, em segundo lugar, o que mais une os nossos países; e, por fim, passarei em revista as áreas de cooperação militar com maior interesse e potencial de concretização no curto e médio prazo.

O que mais distingue Portugal dos Estados Unidos

Dois dos aspetos que mais diferenciam os nossos países são a história e a geografia. Portugal nasceu em 1143, distinguindo-se como um dos poucos países da Europa que conseguiu manter a estabilidade das fronteiras do seu núcleo geo-histórico desde 1317.

No final do século XV, Portugal celebrava com o Reino de Castela, em Tordesilhas, a divisão das terras “descobertas e por descobrir” no mundo, permanecendo uma potência relevante até ao século XIX, quando o Brasil deixou de estar sob soberania portuguesa.

Umhas décadas antes nasciam os Estados Unidos da América e, como referiu Sua Excelência o Presidente da República, na visita à Casa Branca há cerca de um ano, Portugal foi o primeiro país neutro a reconhecer a independência americana, em 1783, vindo daí a longa amizade entre os dois países.

Curiosamente, uns anos mais tarde, em 1824, os Estados Unidos foram os primeiros a reconhecer a independência do Brasil... Antes desse marco histórico, a superfície de Portugal, em toda a extensão dos territórios sob sua soberania era muito superior à dos 24 Estados que compunham, na altura, os Estados Unidos da América.

Desde então, Portugal viu reduzir os seus territórios em África e na Ásia, até ao país de hoje, enquanto os Estados Unidos se mantiveram na rota que os levaria a ser uma “nação indispensável”, uma potência militar sem paralelo e um potentado económico, só recentemente desafiado por outras potências emergentes.

Com efeito, a área continental de Portugal é pouco maior que a do Estado do Maine. Os 50 Estados que integram os Estados Unidos da América ocupam uma área 90 vezes superior à de Portugal continental e a população dos Estados Unidos é 30 vezes superior à portuguesa.

Poderia aqui referir muitos outros aspetos que nos distinguem, desde a política à cultura, passando, obrigatoriamente, pelo desporto, onde Cristiano Ronaldo e Tom Brady se distinguem, ambos, como os melhores do mundo, mas cada um no seu diferente futebol!... Sendo que Tom Brady parece estar em queda, enquanto Ronaldo se mantém ao seu mais alto nível!

O que mais nos une

Contudo, vou antes regressar à geografia, para entrar no segundo tópico desta comunicação – aquilo que mais une Portugal e os Estados Unidos da América.

Washington e Lisboa estão ligadas pelo Atlântico, tanto sob o ponto de vista geográfico, como da partilha dos valores fundamentais em que se funda a Aliança Atlântica, uma comunidade de nações comprometidas com a liberdade individual, a democracia, o Estado de direito, os direitos humanos e a paz.

De facto, como membros fundadores da NATO, Portugal e os Estados Unidos mantêm-se empenhados em fortalecer o elo transatlântico, unidos pela solidariedade, pela vontade de promoverem a estabilidade e a segurança mundiais, e pelo compromisso de se defenderem mutuamente contra os riscos e ameaças à nossa segurança coletiva.

Lembrando as palavras do Presidente Truman, por ocasião da assinatura do Tratado de Washington, já lá vão 70 anos:

“Proteger a área do Atlântico Norte contra a guerra é um grande passo na direção da paz permanente em todo o mundo.”

Numa perspetiva geoestratégica é, também, o Atlântico que confere centralidade e dimensão a Portugal. Com efeito, Portugal goza de uma configuração geográfica única, que une o território continental aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, resultando num vastíssimo espaço marítimo sob soberania, jurisdição ou responsabilidade nacional.

E ao falar dos Açores e da Madeira, não posso aqui deixar de referir os cerca de milhão e meio de portugueses que formam a nossa diáspora nos Estados Unidos, pois são eles, também, um dos principais elos da união luso-americana.

Voltando à relevância estratégica do Atlântico, julgo ser útil debruçar-me sobre a dimensão dos espaços marítimos portugueses. Há pouco referi que a superfície de Portugal continental equivale à do Maine. Todavia, se quisermos comparar a área da Zona Económica Exclusiva portuguesa, já teremos que recorrer ao maior Estado americano – o Alaska, com 1,7 milhões de km².

E se agora incluirmos a proposta de extensão da plataforma continental portuguesa, para além das 200 milhas náuticas, teremos de adicionar ao Alaska, os Estados da Califórnia, Texas, Montana, Novo México e Arizona, ou seja, os seis maiores Estados americanos, que totalizam uma área de quase 4 milhões de km², equivalente ao espaço marítimo onde Portugal passará a deter direitos de soberania exclusivos sobre os recursos vivos e não vivos do subsolo marinho, uma vez concluído o processo atualmente em análise nas Nações Unidas.

Mas não nos fiquemos por aqui, pois a área de responsabilidade de busca e salvamento marítimo atribuída a Portugal, que faz fronteira com a dos Estados Unidos – com quem assinámos em 2017 um acordo de cooperação nesta matéria – obriga-nos a acrescentar àqueles seis Estados, as superfícies do Nevada, Colorado, Oregon, Wyoming, Michigan, Minesota, Utah e Idaho, para conseguirmos representar os 5,8 milhões de km², em que Portugal assegura, 24 horas por dia e 365 dias por semana, a coordenação das acções de salvamento, em caso de acidentes no mar.

É, de facto, uma dimensão marítima impressionante, com um enorme potencial económico, e também uma área onde se cruzam as principais linhas de comunicação marítimas que ligam os continentes africano e americano à Europa, num mundo globalizado em que o transporte marítimo é responsável por mais de 90% das transacções comerciais a nível mundial.

Não obstante todos estes aspectos positivos ligados ao oceano que nos une, não podemos ignorar os crescentes desafios de segurança que caracterizam o atual ambiente internacional, mais complexo e incerto, com riscos e ameaças que extravasam as fronteiras físicas dos nossos países, afetando tanto a segurança de Portugal, como a dos Estados Unidos e a dos nossos Aliados e parceiros.

Não pretendendo ser exaustivo, refiro, como exemplos de grande preocupação, o crime organizado em várias regiões de África, que se complica ainda mais com a presença de mercenários russos apoiados pelo seu governo.

É o caso da grave situação que se vive na República Centro Africana, onde temos um contingente de militares portugueses empenhados numa missão de elevadíssima exigência, com frequentes ações de combate para proteger a população civil, facto da maior relevância, pois é a primeira vez que ocorre, com caracter sistemático, desde os conflitos ultramarinos há mais de 40 anos.

Refiro, também, o terrorismo no Médio Oriente e na Ásia, com grandes repercussões na Europa; a pirataria e o assalto de navios à mão armada no Golfo da Guiné, de onde importamos uma parte muito significativa do petróleo consumido em Portugal; a postura mais assertiva da Rússia e uma estratégia expansionista da China, que justificam a presença mais regular de navios de guerra russos e chineses no Atlântico; e os ciberataques, mais frequentes e sofisticados, a infraestruturas críticas nacionais, que podem afetar as vidas dos nossos cidadãos, ou mesmo pôr em causa a nossa soberania.

São apenas alguns exemplos, que tornam por demais evidente a necessidade de um reforço permanente do elo transatlântico, com vista à promoção do desenvolvimento e da segurança da Europa e da América do Norte. E é, precisamente, esta vontade comum de fortalecer as relações transatlânticas e de participar no esforço de estabilização das regiões mais afetadas por conflitos, o principal motivo que tem impulsionado o relacionamento militar entre Portugal e os Estados Unidos, o terceiro e último tópico desta intervenção, que passarei agora a abordar.

Reforço das relações militares entre Portugal e os Estados Unidos

Para uma melhor sistematização das ideias, procurei dividir as principais áreas de cooperação em três níveis distintos:

- O nível genético, relacionado com as iniciativas no âmbito da edificação ou reforço de capacidades operacionais;
- O nível estrutural, referente às organizações multilaterais de defesa, em que existe particular interesse em garantir ou reforçar a participação dos nossos países;
- E o nível operacional, que abrange as missões onde o empenhamento das Forças Armadas Portuguesas e Norte Americanas contribui, significativamente, para a segurança e defesa da região euro-atlântica.

Antes, contudo, gostaria de salientar que, no quadro do Compromisso de Investimento na Defesa, assumido pelos Aliados na Cimeira de Gales, em 2014, e tal como tem sido anunciado pelo Governo, Portugal está empenhado em aproximar-se das metas estabelecidas de 2% do PIB para a Defesa e 20% desse orçamento para investimento em novas capacidades.

Como é natural, as decisões políticas daí decorrentes terão um impacto significativo no reforço das principais capacidades militares e, também, no maior contributo que as Forças Armadas Portuguesas podem vir a dar para as missões da NATO e de outras organizações internacionais que Portugal integra.

Dito isto, e no que respeita ao **nível genético**, considero particularmente relevantes as seguintes iniciativas de cooperação bilateral com os Estados Unidos:

- Em primeiro lugar, refiro-me à colaboração no âmbito do apoio logístico e do incremento das capacidades navais da Marinha Portuguesa, que permitirá uma maior partilha do esforço de presença, vigilância, recolha e partilha de informações, fomentando a cooperação operacional, tendo em vista o controlo do Atlântico, o que me parece totalmente em linha com a visão cooperativa preconizada pela atual estratégia naval americana, intitulada “*A cooperative strategy for twenty-first century seapower*”.

- Um outro tema, que elegi como uma das prioridades para o meu mandato como CEMGFA, é a Ciberdefesa! As Forças Armadas estão muito focadas em incrementar o número de pessoas com valências para defender as redes militares e realizar operações no ciberespaço, pelo que tem sido muito importante contar com a colaboração dos Estados Unidos, na formação e treino de militares e civis portugueses. Esta colaboração acaba por ser mutuamente benéfica, pois também favorece as relações de confiança entre os nossos “*Cyber Warriors*”, numa área em que a partilha de informação é a chave para o sucesso;

- Por último, quero realçar o programa dos F-16 e, mais particularmente, a transferência de aeronaves de Portugal para a Roménia, que está a decorrer com enorme êxito, tendo já permitido dotar este Aliado de leste com uma primeira esquadra de caças, totalmente preparada na Base Aérea de Monte Real, e que já se encontra a operar em pleno na Roménia.

O sucesso deste programa levou a que a Roménia nos tenha pedido mais cinco F-16, que os Estado Unidos nos irão alienar e que os nossos militares da Força Aérea irão recuperar e modernizar em Monte Real.

É importante sublinhar que não se trata aqui de os Estados Unidos apoiarem Portugal, mas antes de Portugal e os Estados Unidos, em conjunto, ajudarem a Roménia a defender o espaço aéreo do flanco leste da NATO, reduzindo, simultaneamente, a sua dependência de material militar russo.

Ainda no âmbito dos F-16, gostaria de apontar outro exemplo de excelente colaboração militar entre os nossos países. Como eventualmente saberão, os pilotos portugueses recebem a sua formação avançada nos Estados Unidos, o que, não parecendo nada de extraordinário, é uma solução muito vantajosa para a nossa Força Aérea, uma vez que foi descontinuada a esquadra de Alpha-Jets que assegurava esta formação em Portugal.

Mas, o que me parece já verdadeiramente extraordinário, é o facto de termos um instrutor português, nos Estados Unidos, a formar os pilotos de elite da *US Air Force*. Falo-vos de um experiente piloto de F-16 da Força Aérea Portuguesa, nascido na Madeira, que se encontra atualmente em missão na Base Aérea de Tucson, Arizona, e que me faz lembrar outro famoso militar português, de nome Pedro Francisco, ou *Peter Francisco*, como é referido nos livros de história americana, nascido nos Açores e conhecido pelo "Hércules da Virgínia", considerado, por George Washington, o melhor dos soldados da Guerra da Independência.

Retomando o tom mais sério desta comunicação, passemos, agora, ao **nível estrutural** para, no âmbito bilateral e da NATO, vos falar das oportunidades prioritárias para os dois países:

- Começo pelo desenvolvimento, no Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa, do Centro de informação Geoespacial, Meteorológica e Oceanográfica para apoio às operações marítimas, que está em processo de acreditação pela Aliança Atlântica, para se tornar um Centro de Excelência da NATO, já em 2020, e que contará, esperamos nós, com a participação ativa dos EUA e de vários outros países Aliados.

- Da nossa parte, tomei a decisão de colocar um oficial de ligação junto do *US Africa Command*, com o objetivo de promover uma maior articulação e coordenação das diversas atividades de capacitação e de segurança cooperativa que os nossos países estão a desenvolver em África, assunto que retomarei mais adiante.

- Por fim, e no quadro da Aliança Atlântica, gostaria de sublinhar três estruturas fundamentais, que Portugal e os Estados Unidos têm particular interesse em valorizar e dinamizar:

- A STIKFORNATO, sedeadada em Oeiras, que para além de um quartel-general de alta-prontidão, é também responsável pela integração das forças navais e anfíbias norte-americanas nas operações da NATO;

- A Academia de Comunicações e Informação da NATO, que entrou já em funcionamento, também em Oeiras, sendo o principal estabelecimento de ensino da NATO nas áreas do comando e controlo, comunicações e informação, a que acresce uma nova área de conhecimento primordial, dedicada à cibersegurança e ciberdefesa.

E sobre esta Academia da NATO permitam-me realçar a oportunidade que temos pela frente, para desenvolvermos em Portugal um polo de excelência na área da formação em cibersegurança, agregando o conhecimento residente nas universidades e nas empresas, nacionais e estrangeiras, incluindo dos Estado Unidos;

- A terceira estrutura refere-se ao novo Comando da NATO para o Atlântico, que os Estados Unidos acolheram em Norfolk, e que está orientado para o seguimento de submarinos e para a proteção de linhas de comunicação marítimas, tarefas em que temos um óbvio interesse estratégico mútuo e uma responsabilidade partilhada. Por esse motivo, já tomei a decisão de contribuir, logo de início, com um oficial português neste Comando Aliado, podendo a nossa participação vir a ser reforçada no futuro.

Passo, finalmente, ao **nível operacional**, a componente mais relevante e, porventura, menos conhecida da nossa cooperação militar. Aquela em que as nossas Forças Armadas atuam, lado-a-lado, em prol da paz e da segurança internacional:

- Começo por lembrar o interesse que ambos temos na estabilização da região do Golfo da Guiné e, em termos mais gerais, na cooperação no domínio da Defesa com África, atividades que Portugal vem desenvolvendo há mais de 30 anos, com um profundo envolvimento e uma enorme aceitação por parte dos países africanos de língua oficial portuguesa (e não só).

Neste âmbito, saliento o nosso atual empenhamento em São-Tomé e Príncipe, por se tratar de uma inovadora tipologia de missões de capacitação operacional marítima, abrangendo o emprego de um navio patrulha por um período superior a dois anos, o que permite incrementar as atividades de fiscalização e de capacitação da Guarda-Costeira daquele país amigo, num esforço que conta, também, com o relevante contributo dos Estados Unidos, designadamente na manutenção dos radares de vigilância costeira de São-Tomé.

- Uma outra área de evidente interesse mútuo é a da partilha de *intelligence* militar. Nesta vertente, apraz-me registar um reforço da cooperação bilateral com os Estados Unidos, designadamente na partilha de informações sobre submarinos e navios de superfície que atravessam os nossos espaços marítimos, onde os submarinos portugueses têm desempenhado um papel fundamental, pois, como dizia Alfred Mahan:

“Force is never more operative than when it is known to exist, but is not brandished”;

- As Forças Armadas Portuguesas também têm tido um crescente empenhamento operacional no quadro multilateral, contribuindo para o designado “*burden sharing*” que os Estados Unidos, tão justamente, vêm apelando aos Aliados europeus, no sentido de uma maior partilha do esforço na defesa da região euro-atlântica.

Neste domínio, realço o empenhamento, no corrente ano, de mais de 2 300 militares portugueses, em 29 missões internacionais, espalhadas por 4 continentes, onde se incluem, para além das missões no quadro da ONU, da União Europeia e de outros acordos multilaterais, a operação da coligação internacional contra o Daesh, liderada pelos Estados Unidos no Iraque, e a participação em 11 missões da NATO.

Como é natural, Portugal tem uma preocupação particular com as ameaças que emanam do flanco sul. Não obstante, e por nos inserirmos numa Aliança baseada nos princípios basilares da solidariedade e da indivisibilidade da segurança, as nossas Forças Armadas não deixam de ter uma significativa participação no flanco leste.

Com efeito, para além de uma presença permanente de militares na Roménia, tivemos 140 fuzileiros em exercícios militares na Lituânia, uma aeronave P-3C em missão de vigilância no Báltico e quatro aeronaves F-16 a protegerem o espaço aéreo da Polónia.

Mas a participação das Forças Armadas Portuguesas nas atuais missões da NATO não se resume ao flanco leste, pois também estamos presentes no Iraque, no Kosovo, no Atlântico e no Mediterrâneo, sendo que Portugal foi o país da NATO que mais reforçou a participação na *Resolute Support Mission* no Afeganistão, em 2018, tendo atualmente mais de 200 militares empenhados na estabilização daquele país, contribuindo, juntamente com os Estados Unidos e outros Aliados e parceiros, para evitar que o Afeganistão se torne num paraíso para o terrorismo.

É com esta nota demonstrativa da vontade e do esforço de Portugal em contribuir para a segurança internacional, que reitero a minha convicção sobre a importância estratégica de um fortalecimento recíproco do relacionamento militar entre os nossos dois países, a qual encontra respaldo na seguinte passagem da *US National Security Strategy*, com a qual terminarei a minha intervenção:

“Together with our allies, partners, and aspiring partners, the United States will pursue cooperation with reciprocity.”

Poderão, certamente, contar comigo para, de forma empenhada, fortalecer a cooperação militar entre Portugal e os Estados Unidos da América, pois acredito, convictamente, estarmos perante uma relação “*win-win*” de que ambos sairemos beneficiados!

Muito obrigado pela vossa atenção!